

O Processo de Transferência de Crises Econômicas e Instabilidade Política para o Brasil Durante o Imediato Pós-Guerra

Júlio Gomes da Silva Neto*

No imediato pós-guerra, a adoção de um sistema monetário internacional que disciplinasse o movimento de capitais, as taxas de câmbio e o comércio internacional, baseado no equilíbrio em torno da moeda reserva, propiciou, na verdade, a expansão do capital financeiro norte-americano sob forma de investimentos diretos por intermédio de empresas multinacionais, ou na participação patrimonial em carteira de empresas de outros países. Toda essa mobilidade internacional de capital só foi possível graças ao benefício da *seignorage*, dispensado aos Estados Unidos da América (EUA), como país emissor da moeda de referência mundial.

De certo, a orientação cambial, de acordo com o ordenamento do sistema monetário internacional do padrão dólar-ouro, demonstrou ser uma das mais pragmáticas formas de relacionamento financeiro entre países, responsável pela articulação institucional dos valores de produtos, serviços e capitais, movimentados indistintamente pelo mundo. Com isso, foi permitida também a hierarquização dos investimentos diretos em países e regiões por meio do posicionamento cambial entre moedas, com destaque para as relações com a própria moeda norte-americana.

Entretanto, o que mais chama a atenção aos limites deste trabalho é a relação entre as diversas moedas que se seguiu à afirmação do padrão-dólar. Durante o posicionamento privilegiado da moeda norte-americana, as forças desacumuladoras que agiram na depressão de 1929-1932 assumiram novas características. O titubear das moedas nos países centrais e as crises monetárias localizadas que se seguiram à afirmação do padrão-dólar tornaram-se, pois, freqüentes. Essas circunstâncias demonstravam à hegemonia econômica norte-americana, juntamente com a afirmação de sua moeda, a necessidade de superação das questões que impunham o contorno bem sucedido dos efeitos ruinosos do movimento cíclico. Tais flutuações deveriam ser monitoradas de alguma forma.

A posição das economias periféricas e do valor de referência de suas moedas no imediato pós-guerra era igualmente curiosa. Após o comprometimento das forças produtivas dos países centrais, durante a Segunda Guerra Mundial, a região periférica no mundo, pela primeira vez na história, viu-se forçada a um movimento de internalização de suas economias. Ao mesmo tempo, o relacionamento com os, momentaneamente, enfraquecidos países industrializados, durante e no imediato pós-guerra, permitiu a acumulação de valores reais em direitos, reforçando a perspectiva de suas moedas locais, com tais encaixes de divisas.

A “saída para o interno” de economias periféricas, como o Brasil, motivou novos investimentos de capital doméstico em manufaturas substitutivas. O reforço político a estas iniciativas produziu, assim, uma bem sucedida combinação de fatores. Isso permitiu, com algum esforço, a instalação de parques industriais domésticos nestes países. O que chama a atenção neste processo é que ele se desenvolveu não apenas a partir de um momento de obste externo (Segunda Guerra), mas, principalmente, num momento em que o capital financeiro (dos EUA) volta seus interesses para a

* Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP) e Professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

recuperação do capital industrial europeu. Desse modo, as iniciativas nacionais de desenvolvimento se deram num raro período histórico, de desinteresse relativo do capital financeiro pela sua expansão em regiões periféricas.

Ainda assim, não passa despercebido que os vieses de crises nas moedas dos países industrializados durante este período tiveram o poder de afetar as moedas da periferia. Mesmo estando estas últimas acobertadas por elementos que lhes davam certa estabilidade – balanças comerciais favoráveis e algum saldo em divisas –, suas posições foram sendo enfraquecidas, crise após crise. E o que finalmente se mostra mais intrigante é que, aparentemente, as moedas dos países europeus, representativas de economias arruinadas, não deveriam poder ter tido a força de provocar este efeito.

Na situação dos países periféricos portanto, tomando em particular o caso do Brasil, a relação entre estas economias e suas moedas com o processo de reconstrução da Europa é instigante. Acredita-se que o papel da economia brasileira, neste processo de reconstrução produtiva, ainda não tenha sido totalmente esclarecido. Tampouco o fora a relação do cruzeiro, fortalecido pelos saldos comerciais da Segunda Guerra, com o dólar e com as moedas européias. Qual a razão do cruzeiro ter sido prejudicado, como foi, pelas sucessivas crises da libra, por exemplo?

Não passa despercebido aos olhos do presente, também, que essa reconstrução européia coincide, historicamente, com o período de sucessões na “república liberal” brasileira. Haveria repercussões entre a situação da Europa e de suas moedas com a situação de instabilidade política e social no Brasil? Caso afirmativo, em que nível?

Para estas questões preliminares, orientações iniciais podem ser formuladas. Desse modo, este trabalho defende a idéia geral de que o padrão dólar-ouro fora um arranjo monetário que se apresentou como veículo institucional destinado à recuperação do fluxo contínuo do processo de internacionalização do capital. Sua constituição e adaptações resultaram das tentativas de se garantir vantagens isoladas dentro da corrente de países industrialmente avançados. Aí se destacou a figura dos EUA como país hegemônico, patrono e promotor do sistema.

Compete, portanto, a esta primeira aproximação formular a seguinte afirmação, dentro do objeto monetário deste trabalho: *as crises monetárias, enquanto expressões das crises econômicas gerais, possuem a mesma matriz teórica e a mesma solução de realização; seus efeitos, porém, dada a capacidade de coordenação e planejamento que o novo sistema internacional proporcionou, foram atenuados para os países centrais e potencializados para os países periféricos. Ou seja, as soluções operadas para o contorno das crises monetárias localizadas do imediato pós-guerra se inserem na disposição dos EUA em fortalecer o sistema internacional e sedimentar sua rede imperialista.* Este é o raciocínio explorado no texto deste trabalho.